

A black silhouette of a person standing and holding a long, curved berimbau. The person is facing right. The berimbau is held vertically, with the curved end pointing upwards. The word "BERIMBAU" is overlaid in a large, bold, reddish-brown font across the center of the silhouette.

# BERIMBAU

Instrumento de percussão que comanda a roda da capoeira

---

# ABDIAS NASCIMENTO E O TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO (TEN)

Aderaldo Gil (Aderaldo Pereira dos Santos)

---

---

# ABDIAS

Em lembrança a Abdias Nascimento

Voz de negro revoltado  
Grito que ecoa  
Pelas favelas, ruas e vielas  
Caminhos da pele preta...  
Onde houver racistas  
Haverá sempre um Abdias  
Sua arma?  
As palavras ditas e escritas  
Ele não se foi  
Ele se multiplicou  
Ampliou o movimento  
Da onda negra  
Que escurece este país...

Aderaldo Gil, 13.04.14

---

Na *Revista AÚ* número 3, abordei sobre a Frente Negra Brasileira (FNB) a partir do fundamental livro de memórias do senhor José Correia Leite, *E disse o velho militante José Correia Leite* (1992). Para além de tratar desta que foi uma das principais e maiores organizações do Movimento Negro brasileiro na década de 1930, busquei destacar a relevância das experiências do velho militante e o valor histórico e acadêmico do seu livro de memórias.

Para este número 4 da *Revista AÚ*, abordo sobre outra importante organização do Movimento Negro que deixou sua marca na história brasileira: O Teatro Experimental do Negro (TEN). Instituição criada pelo histórico militante negro Abdias Nascimento<sup>1</sup>. Vou tratar do TEN a partir do olhar de seu próprio criador, tomando por base uma de

suas obras fundamentais: *O Genocídio do Negro Brasileiro* (1978 – 1ª. Edição; 2017 – 2ª. Edição). Assim, para além de me referir sobre a organização negra (TEN), destaco o legado de sua valiosa obra no combate ao racismo no Brasil.

No que tange ao fenômeno do racismo, vale lembrar as palavras de Silvio Almeida em seu precioso livro *Racismo Estrutural* (2019):

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Neste caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mu-

danças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas. (ALMEIDA, 2019, p. 50).

Abdias também advoga em sua obra mudanças profundas. Desta feita, assim como o livro de Silvio Almeida, o livro de Abdias Nascimento é leitura obrigatória para quem pretende entender de que maneira o racismo opera no Brasil. Apesar de ter sido publicado em 1978, *O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado*, apresenta um conteúdo que contribui em muito para se compreender o chamado *racismo à brasileira*<sup>2</sup>, sobretudo, em face do atual momento em que a luta antirracista no Brasil e no mundo ganharam as telas televisivas, mesmo que parcialmente.

Redigido para ser apresentado como conferência no Segundo Festival Mundial de Artes e Culturas Negras e Africanas (Nigéria/1977), a obra foi dividida, além de introdução e conclusão, em treze capítulos cujos títulos dão a dimensão do valor que possui seu conteúdo no que tange ao entendimen-

to do racismo em nosso país: “Escravidão: o mito do senhor benevolente”; “Exploração sexual da mulher africana”; “O mito do ‘africano livre’”; “O branqueamento da raça: uma estratégia de genocídio”; “Discussão sobre raça: proibida”; “Discriminação: Realidade racial”; “Imagem racial internacional”; “O embranquecimento cultural: outra estratégia de genocídio”; “A perseguida persistência da cultura africana no Brasil”; “Sincretismo ou folclorização?”; “A bastardização da cultura afro-brasileira”; “A estética da brancura nos artistas negros aculturados”; e “Uma reação contra o embranquecimento: O Teatro Experimental do Negro”.

Meu propósito neste artigo é tratar especificamente do TEN, tomando por base o capítulo do livro que trata deste tema. Não tenho, portanto, a pretensão de abordar aqui as diversas análises que compõem este valioso livro. Entretanto, fica a dica de que vale a pena sua leitura atenta para quem quer compreender os meandros mais profundos do racismo que ainda impera em nossa so-

cidade. Sociedade esta que anda debatendo muito o termo genocídio em face da triste realidade pandêmica que assola nosso país. Percebe-se que o grande Abdias visualizou o fenômeno do *genocídio* sob um ângulo mais amplo do que o da eliminação física: incluiu também a tentativa de eliminação cultural.

Um dos objetivos principais de Abdias Nascimento neste livro foi questionar o chamado *mito da democracia racial*. Forjado pelas elites brasileiras a partir da década de 1930 e tendo como fundamento ideológico as reflexões do sociólogo Gilberto Freire, desenvolvidas em sua obra *Casa Grande e Senzala* (1933), o referido mito buscava iludir a sociedade como um todo, e os negros (as) em particular, de que no Brasil o fenômeno do racismo não se constituía em um problema a ser enfrentado. Onde não há racismo, não haverá a necessidade de luta antirracista. Em cada capítulo do seu livro *O Genocídio do Negro Brasileiro*, Abdias Nascimento refuta as teses de sustentação deste *mito*. Vale

conferir.

Mas vamos ao TEN. E para começar convém lembrar o seguinte trecho em que Abdias Nascimento escreve na parte final do seu livro:

O TEN, em resumo, vem sendo um protesto ativo contra uma sociedade que aspira ser latina, branca, europeia, a qual, para atingir tais objetivos, não hesita em apagar a verdadeira natureza cultural e étnica da metade da população: os descendentes da África. (NASCIMENTO, 2017, p.189).

A passagem acima evidencia a que veio o Teatro Experimental do Negro (TEN). Veio para ser uma voz de protesto contra o racismo brasileiro e sua política de *embranquecimento*. Veio para defender e valorizar a História e Cultura africanas e dos afrodescendentes do Brasil e da diáspora. Como vimos acima, no livro, *O Genocídio do Negro Brasileiro*, Abdias reserva um capítulo para tratar especificamente das experiências do TEN. Com base neste capítulo, apresenta-

rei a seguir os argumentos que levaram o velho militante a fundar, em 1944, esta que foi uma das principais organizações negras do Movimento Negro brasileiro.

## O ANTIRRACISMO DO TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO

Abdias Nascimento deu um título sugestivo ao capítulo do livro *O Genocídio do Negro Brasileiro* que trata do TEN: “Uma reação contra o embranquecimento: o Teatro Experimental do Negro”. Considerando este título, percebe-se que enfrentar o *embranquecimento* era uma tarefa essencial da instituição criada por Abdias, em 1944. Ao elencar os objetivos básicos dos quais o TEN deveria dar conta, tem-se uma visão mais ampla daquilo que Abdias resumira ao utilizar o termo “embranquecimento”:

- a. Resgatar os valores da cultura africana, marginalizados por preconceito à mera condição folclórica, pitoresca ou insigni-

ficante; b. através de uma pedagogia estruturada no trabalho de arte e cultura, tentar educar a classe dominante “branca”, recuperando-a da perversão etnocêntrica de se autoconsiderar superiormente europeia, cristã, branca, latina e ocidental; c. erradicar dos palcos brasileiros o ator branco maquilado de preto, norma tradicional quando a personagem negra exigia qualidade dramática do intérprete; d. tornar impossível o costume de usar o ator negro em papéis grotescos ou estereotipados: como moleques levando cascudos, ou carregando bandejas, negras lavando roupa ou esfregando o chão, mulatinhas se requebrando, domesticados Pais Joões e lacrimogêneas Mães Pretas; e. desmascarar como inautêntica e absolutamente inútil a pseudocientífica literatura que a pretexto de estudo sério focalizava o negro, salvo raríssimas exceções, como um exercício esteticista ou diversionista: eram ensaios apenas acadêmicos, puramente descritivos tratando de história, etnografia, antropologia, sociologia, psiquiatria, e assim por diante, cujos interesses estavam muito distantes dos problemas dinâmicos que emergiam do contexto racista da nos-

sa sociedade. (NASCIMENTO, 2017, p. 161 - 162).

O resgate da História e Cultura africanas tinha o propósito de se contrapor à mentirosa ideologia de inferioridade do negro africano e seus descendentes, ainda presente na sociedade e muito em voga no período escravista, bem como nas primeiras décadas da República. Esta ideologia motivou, por parte dos governos republicanos, políticas de imigração europeia para o Brasil, no sentido de satisfazer os desejos racistas das elites brasileiras de querer branquear o conjunto da população do país. Percebe-se que, de certa forma, Abdias tinha alguma esperança de convencer, pelo menos parte da classe dominante, a abandonar esta perspectiva racista, “recuperando-a da perversão etnocentrista de se autoconsiderar superiormente europeia, cristã, branca, latina e ocidental” (NASCIMENTO, 2017, p. 161).

Enfrentar o racismo no campo da arte dramática era um dos propósitos principais do TEN, sobretudo, no sentido de formar pro-

fissionais negros qualificados e de produzir uma dramaturgia que valorizasse o protagonismo histórico e cultural dos afrodescendentes, ao mesmo tempo em que denunciava certa literatura reprodutora de ideais e visões preconceituosas para com as pessoas negras. O TEN buscou também criar oportunidades de trabalho para negras e negros dos setores populares, “convocando para seus quadros pessoas originárias das classes mais sofridas pela discriminação: favelados, as empregadas domésticas, os operários desqualificados, os frequentadores dos terreiros” (NASCIMENTO, 2017, p. 162).

Uma das formas do racismo se propagar na sociedade consiste na reprodução de imagens que reforçam os estereótipos preconceituosos que naturalizam as discriminações e desigualdades raciais. Através do teatro negro, o TEN enfrentou este estado de coisas: “inspirou e estimulou a criação de uma literatura dramática baseada na experiência afro-brasileira, dando ao negro a oportunidade de surgir como personagem-

-herói” (NASCIMENTO, 2017, p. 162).

O TEN criticou a perspectiva da academia da época que, ao tornar o negro como problema de pesquisa, passava ao largo “dos problemas dinâmicos que emergiam do contexto racista da nossa sociedade” (NASCIMENTO, 2017, p. 162), ou seja, pesquisava sobre o negro e não questionava o racismo que se constituía no principal problema que afligia a população negra do país.

Ciente do trabalho político que estava fazendo no enfrentamento ao racismo brasileiro, o TEN criou o *Jornal O Quilombo* para divulgar suas atividades e conscientizar as pessoas a respeito dos propósitos da luta antirracista que travava na sociedade. Além disso, patrocinou processos de formação e apoio psicológico aos seus integrantes. E foi mais longe, tornando-se um centro articulador da luta antirracista no Brasil, ao promover “a Convenção Nacional do Negro (São Paulo e Rio de Janeiro, 1945-1946) e o 1º Congresso do Negro Brasileiro (Rio

de Janeiro, 1950)” (NASCIMENTO, 2017, p. 162).

Nas palavras do próprio mestre:

Para atingir esses objetivos, o TEN se desdobrava em várias frentes: tanto denunciava as formas de racismo sutis e ostensivas, como resistia à opressão cultural da brancura; procurou instalar mecanismos de apoio psicológico para que o negro pudesse dar um salto qualitativo para além do complexo de inferioridade a que o submetia o complexo de superioridade da sociedade que o condicionava. Foi assim que o TEN instaurou o processo de revisão de conceitos e atitudes, visando à liberação espiritual e social da comunidade afro-brasileira. Processo que está na sua etapa inicial, convocando a conjugação do esforço coletivo da presente e das futuras gerações do negro brasileiro (NASCIMENTO, 2017, p. 163).

Desta feita, como argumenta Abdias Nascimento na passagem acima, o TEN fez do teatro uma arma de luta política e ideológica

e colocou em prática determinada estratégia de luta antirracista que aliou o combate às manifestações mais diretas de racismo (como a violência policial, a eliminação física dos negros e negras, a falta de políticas públicas econômicas, assistenciais e de saúde para a população negra mais necessitada) ao enfrentamento às diversas formas de propagação da ideologia deste racismo que, ao fim e ao cabo, buscava reforçar preconceitos e visões estereotipadas da história e cultura negra africana e afrodescendente. Portanto, o Teatro Experimental do Negro, que durou de 1944 até o endurecimento da ditadura civil-militar, em 1968, quando Abdias foi obrigado a se exilar nos EUA, protagonizou experiências que se constituíram em espécie de farol orientador das lutas da geração de negros e negras da década seguinte (1970).

Assim, não foi à toa que neste mesmo capítulo sobre o TEN, Abdias Nascimento escreve:

Com efeito, a geração atual dos jovens descendentes de africanos está demonstrando um promissor espírito rebelde. Apesar das difíceis condições vigentes no Brasil, impostas pela ditadura militar desde 1964, com a supressão das liberdades públicas e das garantias dos direitos individuais e humanos, há tentativas que denunciam a inquietude dos jovens na procura de um caminho válido. (NASCIMENTO, 2017, p. 164).

O velho militante está se referindo ao movimento da juventude negra que se mobilizou em torno do Soul no Rio de Janeiro e em São Paulo, assim como às organizações negras criadas na década de 1970, a exemplo do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), fundado em 1975, na cidade do Rio, e o Movimento Negro Unificado (MNU) que surgiu na cidade de São Paulo no ano de 1978. Mas esta é uma história que vamos ver mais de perto no próximo número da Revista do NEAB (AÚ nº 5).

Saudações antirracistas e quilombolas!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

DAMATTA, Roberto. Digressão: a fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira. In: Relativizando: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

NASCIMENTO, Abdias. O Genocídio do Negro Brasileiro – processo de um racismo mascarado. 2. Ed. – São Paulo: Perspectiva, 2017 (a primeira edição é de 1978).

SANTOS, Aderaldo Pereira dos. O que disse o velho militante José Correia Leite sobre a Frente Negra Brasileira, organização do Movimento Negro da década de 1930. Revista AÚ número 3, Rio de Janeiro, NEAB/DEGASE, 2020.